

---

**Editorial**

---

**Em meio “À Queda do Céu...”:  
O compromisso ético e político no fazer científico**

**Amidst “The Fall of the Sky...”:  
The ethical and political commitment in scientific practice**

Estamos apreensivos, para além de nossa própria vida,  
com a da terra inteira, que corre risco de entrar em caos.  
Os brancos não temem, como nós, ser esmagados pela queda do céu.  
Mas um dia talvez tenham tanto medo disso quanto nós!  
(Kopenawa & Albert, 2015, p. 498).

Lêda Gonçalves de Freitas<sup>1</sup>, Liliam Deisy Ghizoni<sup>2</sup>

<sup>1</sup> [https://orcid.org/0000-0002-1288-7134/](https://orcid.org/0000-0002-1288-7134) Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

<sup>2</sup> [https://orcid.org/0000-0002-1254-7455/](https://orcid.org/0000-0002-1254-7455) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

---

Em 2024 completamos nove anos de persistência da Revista Trabalho (En)Cena em promover uma psicologia do trabalho, implicada com uma base teórica, prática e crítica. Além do mais, com propósitos de frutificar outros modos de vida no trabalho para além da lógica colonial-capitalista de intensa exploração da força de trabalho e de perpétua acumulação de capital. Logo, leitoras e leitores, temos afirmado em nossos editoriais a necessidade de um pensamento contracolonial na psicologia do trabalho, apoiado em uma análise pungente do capitalismo rentista e neoliberal, que traz em seu âmago a tragédia das desigualdades sociais e a devastação ambiental (Freitas & Ghizoni, 2021, 2022, 2023; Santos, 2023).

No livro “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, encontramos uma densa crítica à lógica capitalista das mercadorias e um alerta sobre “A queda do céu” por causa da destruição da natureza produzida pelo Ocidente e seu capitalismo. Ao se expressar, sendo parte dos Povos da Floresta, Kopenawa revela o colapso do céu diante do extermínio das florestas. Para o Xamã,

A terra não deve ser recortada pelo meio. Somos habitantes da floresta, e se a dividirmos assim, sabemos que morreremos com ela. [...]. Se a retalharmos para proteger

---

Como citar este artigo: Freitas, L. G., & Ghizoni, L. D. (2024). Em meio “À Queda do Céu...”: O compromisso ético e político no fazer científico. *Revista Trabalho (En)Cena*, 9(Contínuo), e024000. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e024000>.

pedacinhos que não passam da sobra do que foi devastado, não vai dar em nada de bom. Com um resto das árvores e dos rios, um resto dos animais, peixes e humanos que nela vivem, seu sopro de vida ficará curto demais. Por isso estamos tão apreensivos. Os brancos se puseram hoje em dia a falar em proteger a natureza, mas que não venham mentir para nós mais uma vez, como fizeram seus pais e seus avós (Kopenawa & Albert, 2015, p. 484).

Os saberes dos Povos Originários há tempos condenam a devastação do Planeta. A derrubada de árvores, a poluição dos rios, a morte dos peixes e demais animais, tudo isso compõe a era do “Antropoceno”. Para Kopenawa e Albert (2015) o “Antropoceno” diz respeito à força humana que vem alterando a forma do Planeta, por meio de uma economia extrativista, de energia fóssil e de um consumo desmedido. Ao deixar o Holoceno, a Terra ingressou na era batizada de Antropoceno – a primeira na qual o ser humano é a força dominante sobre o funcionamento da biosfera. Crutzen (2002, p. 23) publicou artigo na *Nature* intitulado *Geology of Mankind*, no qual postula: “A não ser que haja uma catástrofe global – o impacto de um meteoro, uma guerra mundial ou uma pandemia – a espécie humana seguirá como a maior força ambiental por milênios”. Os fenômenos decorrentes do Antropoceno são amplamente difundidos: aquecimento global, maior risco de eventos ambientais extremos como inundações e secas, extinção em massa de espécies, entre inúmeros outros.

Em meio aos eventos extremos que o Brasil viveu e está vivendo em 2024, como as enchentes no Rio Grande do Sul, o calor e a seca acentuados pelas queimadas ilegais, a Revista Trabalho (En) Cena continua a persistir na reflexão, pesquisa e intervenção com vistas à saúde mental no trabalho. Estamos apreensivos com “A queda do céu”, assim como Davi Kopenawa. No entanto, nosso compromisso é cuidar para que o céu não caia, tanto em pulsar a proteção dos nossos biomas quanto fazer ciência com compromisso ético e político.

Nessa perspectiva, fechamos mais um ano de publicações com artigos que trazem reflexões teóricas, pesquisas e práticas, numa visão crítica e na busca de uma maior consciência sobre os efeitos psíquicos do capitalismo rentista e neoliberal para os trabalhadores. As contradições desse contexto nos impõem a reafirmar o papel de edificar uma ciência contracolonial, inspirada também nas epistemologias dos Povos Originários com sua cosmovisão do “Bem Viver” que impulsiona a imaginar outros. Não podemos apenas assistir “À queda do céu” e não cuidar dos nossos territórios, seja os nossos biomas Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia, Pantanal, seja os nossos territórios, enquanto pesquisadores em psicologia do trabalho, a saúde mental dos trabalhadores (Acosta, 2016; Krenak, 2020).

Isto posto, a produção científica que disponibilizamos ao longo de 2024 traz uma diversidade de pesquisas com reflexões sobre a realidade do trabalho no Brasil, numa tessitura de multiplicidades de sujeitos da classe que vive do trabalho com suas subjetividades vigorosas, as quais são impulsionadas por uma metodologia científica que se importa não apenas em mapear os contextos de trabalho, mas operar uma ética de resistência frente às lógicas contemporâneas de opressões no mundo do trabalho.

As pesquisas empíricas disponibilizadas em 2024 abrangem a dinâmica do reconhecimento no serviço público; as vivências de mulheres trabalhadoras quando retornam da licença maternidade; as vivências de servidores readaptados; a atividade acadêmica enquanto trabalho; a compreensão dos Guardas Municipais enquanto profissionais de segurança pública; as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais do INSS. Para mais, as leitoras e leitores acederão aos estudos sobre a insubordinação das mulheres frente ao assédio moral no trabalho, à análise da organização do trabalho, vivências de prazer, sofrimento e estratégias de enfrentamento de diaristas do serviço de limpeza doméstica que utilizam plataformas digitais; ao estudo descritivo sobre a saúde mental de bancários, à vivência da mulher que retorna ao trabalho formal e continua amamentando; à percepção dos profissionais da gestão de recursos humanos sobre os fatores que geram adoecimento mental nos trabalhadores em organizações; à análise sobre como o desamparo se manifesta no discurso de fiscais de Vigilância em Saúde do trabalhador; à descrição do perfil das artesãs ludovicenses da Associação Mulheres de Fibras (MA) e sua percepção sobre a tradicionalidade de seu trabalho, à discussão da experiência de construção de um serviço de psicologia no enfrentamento ao assédio moral pessoal e organizacional no Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário de Santa Catarina; à investigação sobre os desafios enfrentados pelos psicólogos clínicos durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2020; e uma análise psicodinâmica do trabalho entre pilotos de automobilismo com o perigo de morte.

Outrossim, a mesma força que observamos nas pesquisas empíricas, temos as revisões de literatura e reflexão teórica. A revisão narrativa de literatura sobre mulheres e desenvolvimento de jogos aponta o papel das mulheres para o desenvolvimento dos jogos, mesmo num contexto de sexismo e estereótipos de gênero. Contamos com a revisão integrativa que identifica as possíveis associações entre o mérito individual e as barreiras e obstáculos à ascensão de mulheres às posições de gestão e liderança, em contextos de trabalho organizacionais. Conta a metassíntese qualitativa que analisou a saúde mental dos estudantes de pós-graduação, a qual é influenciada por fatores biopsicossociais e percepções individuais que afetam seu bem-estar. Além disso, destaca-se a revisão sistemática de literatura que

apresenta o cenário internacional da produção acadêmica relativo a estudos que consideraram *burnout* e presenteísmo no ambiente de trabalho. O preconceito etário é abordado na revisão integrativa sobre o etarismo no contexto de trabalho, o qual repercute na saúde mental de trabalhadores idosos. Ainda, destaca-se o artigo teórico sobre o acúmulo de tarefas alheias ao ofício em contexto da atividade de trabalho. Este texto é pautado nas contribuições da Clínica da Atividade e em estudos que versam sobre modelos de gestão do trabalho, que emergiram a partir das demandas do sistema neoliberal, em especial sob a égide do Toyotismo.

Além das pesquisas empíricas, revisões de literatura e reflexão teórica, destacamos a entrevista com a juíza Alda de Barros Araújo Cabús, da 9ª Vara do Trabalho de Maceió, Alagoas. Nesta, encontramos as possibilidades e limitações da Justiça do Trabalho diante do processo de uberização. A juíza proferiu sentença que reconheceu o vínculo de emprego entre o motorista e a Uber do Brasil Tecnologia Ltda. A partir da entrevista é possível refletir sobre a intensidade das transformações dos mundos do trabalho, pensar os fins da Justiça do Trabalho no Brasil e a necessidade do direito social ao trabalho decente.

Destacamos, em 2024, o dossiê “Trabalho, Subjetividades e Práticas Clínicas”. O texto de abertura do referido dossiê traz o passado, presente e o futuro do Grupo de Trabalho (GT) da ANPEPP<sup>1</sup> “Trabalho, Subjetividade e Práticas Clínicas”, ao qual a Revista Trabalho (En)Cena se vincula. O percurso do GT que nasceu como Psicodinâmica do Trabalho é apresentado pelos autores em seus quase 20 anos, com destaque para as interfaces teóricas e metodológicas e a perspectiva interdisciplinar e interseccional que se apresenta para o futuro do GT.

No mencionado dossiê, com exceção do artigo que o inaugura, há quatorze textos envolvendo pesquisas empíricas e reflexões teóricas, de pesquisadores de diferentes universidades e estados brasileiros. Desse modo, a Revista Trabalho (En)Cena pronuncia reflexões e intervenções sobre o mundo do trabalho e saúde dos trabalhadores do GT da ANPEPP “Trabalho, Subjetividade e Práticas Clínicas”. As pesquisas com análise de resultados empíricos existentes no dossiê focalizam a precarização social do trabalho, o assédio moral no serviço público e a saúde mental dos trabalhadores; o trabalho, subjetividade e ideologia da excelência em profissionais da saúde e educação; uma pertinente análise da organização do trabalho das equipes de saúde da família de Belém do Pará, verificando quais estratégias as trabalhadoras utilizam contra o sofrimento no trabalho e quais suas vivências de prazer. Ademais, salientamos: o essencial estudo que investiga as atividades acadêmicas de pós-

---

<sup>1</sup> Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.

graduandos, como trabalho precarizado, de uma instituição de pesquisa; um olhar para o prazer e sofrimento de motoristas de caminhões; uma análise das estratégias defensivas de trabalhadoras em organizações hipermodernas no Brasil, o artigo que discute três experiências em telessaúde, no campo da saúde do trabalhador, realizadas em diferentes regiões do Brasil; a pujante pesquisa que estabeleceu uma comparação entre os resultados de duas pesquisas que investigaram a experiência de sofrimento psíquico-social de imigrantes internacionais em busca de trabalho no Brasil; à luz da teoria da subjetividade, apresentamos o estudo sobre a subjetividade social de um órgão público, e da administração pública brasileira, a partir de sua configuração na subjetividade individual de um servidor público.

Os demais textos científicos trazem ensaio, revisões de literatura e análise de filme. Atenção para o ensaio que nos oferece um olhar decolonial para a psicologia do trabalho por meio das epistemologias do Bem Viver e visão de interseccionalidade do feminismo negro. A revisão de literatura que traz uma análise da produção científica no campo da ergonomia da atividade no Brasil. Temos a revisão integrativa da literatura sobre as formas como as masculinidades se manifestam no contexto do esporte e as intervenções em psicologia. Ainda, apresentamos a revisão de literatura de publicações internacionais sobre bem-estar espiritual no contexto de trabalho. Por fim, a análise do documentário “Trabalhar e estudar: subjetividades, lutas e afetos”, que traz a rotina de estudantes-trabalhadores. A análise se referenciou na psicodinâmica do trabalho.

Diante dessa abundante produção acadêmica no campo da saúde mental no trabalho, no contexto do capitalismo rentista e neoliberal e os seus efeitos nas dinâmicas ambiental, social e subjetiva, afirmamos o nosso compromisso ético e político. Como nos ensina Paulo Freire (1995, p. 1), ao vivermos numa sociedade desigual como a nossa, exige-se dos intelectuais brasileiros “uma grande responsabilidade ética e uma grande responsabilidade política e social”. O compromisso ético e político se expressa no meio de uma prática científica em favor da superação das desigualdades de classe, raça e gênero e, também, a partir dos ensinamentos de Kopenawa e Albert (2015, p. 407):

E assim as palavras das mercadorias e do dinheiro se espalharam por toda a terra de seus ancestrais. É o meu pensamento. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas. Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. Começaram onde moravam seus antepassados. Hoje já não resta quase nada de floresta

em sua terra doente e não podem mais beber a água de seus rios. Agora querem fazer a mesma coisa na nossa terra.

## REFERÊNCIAS

- Acosta, A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Autonomia Literária/Elefante.
- Crutzen, P. (2002). Geology of mankind. *Nature*, 415(23). <https://doi.org/10.1038/415023a>
- Freire, P. (1995). Compromisso ético e compromisso político das autoridades e dos educadores. *Fazendo Escola*, 4(5). <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1121>
- Freitas, L. G. de ., & Ghizoni, L. D. (2021). O trabalho e a pandemia do capital. *Trabalho (En)Cena*, 6(Contínuo), e0210026. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e021026>
- Freitas, L. G. de, & Ghizoni, L. D. (2022). 2022: Nós vencemos! Tramar o "bem viver". *Trabalho (En)Cena*, 7, e022019. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e022019>
- Freitas, L. G. de, & Ghizoni, L. D. (2023). Construção de imaginário contracolonial no país das desigualdades: Pensar o mundo do trabalho pelo olhar da filosofia do “Bem Viver”. *Trabalho (En)Cena*, 8(Contínuo), e023001. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e023001>
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Santos, A. B. (2023). *A terra dá, a terra quer*. UBU Editora.

## Informações sobre os autores

### **Lêda Gonçalves de Freitas - Editora Geral da Trabalho (En)Cena**

Endereço institucional: Universidade Católica de Brasília, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Campus Taguatinga – QS 7 – Lote 01 – EPCT – Taguatinga, Brasília/DF – CEP: 71966-700.

E-mail: ledagfr@gmail.com

### **Lilium Deisy Ghizoni - Editora Geral da Trabalho (En)Cena**

Endereço institucional: Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia, Florianópolis, SC, Brasil.

E-mail: ldghizoni@gmail.com